

Apresentação

O Século XVII mantém viva uma importante tradição filosófico-científica, a *carta*.

De fato, todo estudante de filosofia não pode passar sem a leitura de um dos textos mais importantes da história da filosofia, a célebre *Carta Sétima* de Platão, assim como não pode ignorar as cartas de Cícero e de Sêneca, que inauguram um gênero filosófico-literário, a consolação. Não menos significativas são a carta de São Jerônimo, sobre a tradução da Bíblia, as cartas de Abelardo e Heloísa, as de Petrarca, ou, ainda, a famosa carta de Marcílio Ficino a Lorenzo de Medici, ou ainda a troca epistolar entre Erasmo e Thomas More.

Embora trouxessem o nome de um destinatário, as cartas filosóficas e literárias eram escritas para serem lidas por um público amplo e permitir a circulação e comunicação das idéias.

No Século XVII, quando as revistas filosófico-científicas começam a ser criadas, as cartas guardaram ainda um papel decisivo na constituição do pensamento moderno, e homens como Henry Oldenburg, Marin Mersenne e Pierre Bayle, cujos nomes talvez não figurassem com destaque nas histórias da filosofia, das ciências, das religiões e das artes, imortalizaram-se porque responsáveis pela circulação das mais importantes trocas epistolares do período.

As cartas do Seiscentos não são apenas testemunhos autobiográficos nem somente instrumentos de circulação pública de idéias, mas ainda possuem uma dimensão ensaística, por darem notícias de trabalhos filosóficos, científicos e literários concluídos ou em andamento, por relatarem descobertas e invenções, viagens e expedições, e por sua dimensão poética, narrando e comentando ações dos Estados, diplomacia, guerras e conflitos. Muitas delas são documentos teóricos nos quais encontramos a elaboração de teses e doutrinas complementares às obras publicadas, o que as faz constitutivas da produção do *corpus* teórico dos grandes autores, não sendo casual que, hoje, façam parte da publicação de suas obras completas. Além de se constituírem como um campo experimental no qual a discussão com outros pensadores era fundamental para o prosseguir-

mento de uma investigação, as cartas seiscentistas ainda faziam circular idéias que não poderiam, sem perigo para seus autores, cair nas mãos das autoridades políticas e religiosas. Em outras palavras, muitas vezes escrever cartas era uma forma de fazer divulgar e discutir idéias e opiniões apenas entre interlocutores escolhidos, o círculo dos *happy few* que tinha acesso às idéias verdadeiras de um autor, que ficariam certamente sob censura se difundidas mais amplamente. Como gênero literário propício e, por vezes, forçado a múltiplos exercícios retóricos, as cartas cumpriram, freqüentemente, o papel de burlar o instituído, de contornar censuras e proibições, de enfrentar clandestinamente os poderes políticos e religiosos estabelecidos.

Essas dimensões da correspondência seiscentista são indicadores preciosos para acompanharmos a história das idéias, das técnicas e das artes no momento mesmo de seu fazer-se, assim como nos permitem descobrir o mundo sócio-político e cultural da modernidade no instante de sua constituição, graças à pena engenhosa e erudita dos autores, que nos fazem desfrutar de suas qualidades estético-literárias, e ter uma via de acesso à psicologia das subjetividades singulares, às emoções, angústias e experiências pessoais e públicas dessas personagens históricas.

Especialistas no pensamento do Século XVII têm dado ênfase às cartas dos autores que estudam, e o primeiro encontro internacional em que a correspondência seiscentista como um todo foi analisada e discutida foi III Colóquio Internacional da Associação de Estudos Filosóficos do Século XVII, realizado em São Paulo, de 16 a 20 de agosto de 1999, com o tema *Cartas Filosóficas, Científicas e Literárias: o Papel da Correspondência*. Seu escopo foi apresentar aspectos desse complexo fenômeno cultural que nos auxilia a compreender o nascimento da Modernidade. São os estudos apresentados naquela ocasião que hoje estão aqui publicados.

A Associação de Estudos Filosóficos do Século XVII agradece ao Conselho Editorial/Comissão Executiva da revista **discurso**, à Fapesp e ao Programa de Apoio às Publicações Científicas da USP pela presente publicação.

Marilena de Souza Chaui
Presidente da Associação de Estudos Filosóficos do Século XVII